

# A Bíblia é um Livro-Texto?

John W. Robbins

“Na queda de Adão todos pecamos”, era a primeira linha do primeiro livro-texto impresso na América do Norte, o *Manual da Nova Inglaterra* dos Puritanos. Russell Kirk, escrevendo no “As Raízes de Ordem Americana” [*The Roots of American Order*](Open Court, 1974), considerou a posição da Bíblia na América primitiva:

Na América colonial, todos com os rudimentos da educação conheciam um livro perfeitamente: a Bíblia. E o Antigo Testamento era estimado tanto quanto o Novo, pois as colônias americanas foram fundadas no tempo da renovação da erudição hebraica, e o caráter calvinista da fé cristã na América primitiva enfatizava o legado de Israel (45-46).

Daniel Boorstin, em “Os Americanos: A Experiência Colonial” [*Americans: The Colonial Experience*] (Random House, 1958), apontou que “para os seus problemas, eles [os americanos primitivos] extraíam as respostas tão prontamente do livro Êxodo, Reis ou Romanos, [sic] bem como de porções menos narrativas da Bíblia” (19).

A Bíblia era o livro-texto da América primitiva, com ela tem sido para os cristãos durante todos os séculos. Hoje, contudo, é elegante e sofisticado afirmar que a Bíblia não é um livro-texto de biologia, ou de política, ou de economia, ou de qualquer disciplina que o indivíduo sofisticado esteja considerando. Talvez, implica o indivíduo sofisticado, na ignorância dos dias de outrora, a Bíblia era suficiente para o aprendizado, mas em nossa era tecnológica avançada, devemos nos voltar para outros livros a fim de suplementar a Bíblia. “A Bíblia não é um livro-texto de...” é agora um clichê que é geralmente expresso com um ar de conclusão e profundidade. A implicação não mencionada é: quem seria tão ignorante ou tão tolo para crer que a Bíblia é um livro-texto de alguma coisa, exceto, talvez, de piedade pessoal?

O clichê do livro-texto não nos diz nada sobre a Bíblia, mas nos dá uma boa informação sobre a pessoa que repete o clichê. Ele indica que a pessoa é desatenciosa o suficiente para repetir uma descrição inventada por aqueles que desejam depreciar a autoridade e a suficiência da Escritura. Não há razão para negar que a Bíblia seja um livro-texto, a menos que alguém deseje afirmar que algum outro livro seja um livro-texto. Se alguém está falando de biologia, então talvez tenha sido Darwin ou, mais recentemente, Wilson que tenha escrito um livro-texto. Se alguém está falando de política, então talvez Rousseau, Aristóteles ou Herbert Marcuse seja o autor do livro-texto. Se economia, pode ser Marx ou Mises. Seja qual for o caso, a única razão possível que uma pessoa pode ter para dizer que “a Bíblia não é um livro-texto de...” é preservar alguma área de pensamento para as idéias não-escriturísticas, isto é, não-cristãs. O clichê é um resultado de recusar reconhecer a autoridade da Escritura em toda área de pensamento (fé) e

vida (prática). Os cristãos deveriam reconhecer o clichê como algo que ele é: um clichê do humanismo.

Talvez possamos fazer esse ponto mais claro se definirmos “livro-texto”, e para isso nos voltamos ao *Oxford English Dictionary*, que é universalmente reconhecido como a melhor autoridade no uso do inglês. O *O. E. D.* lista quatro definições de “livro-texto” e mais ainda de “texto”, muitas das quais, contudo, podem ser imediatamente descartadas como não relevantes para o assunto em questão. A primeira definição de “livro-texto” é listada simplesmente como “(Veja citação). *Obs*”. Há uma citação na qual “livro-texto” é usado como se referindo a uma cópia manuscrita de um estudante dos escritos manuscritos de um mestre, com margens amplas para permitir anotações referentes a pontos específicos no “texto”, os escritos do mestre. A quarta definição de “livro-texto” é: “Um livro contendo o libreto de uma peça ou ópera”. Essas duas podem ser ignoradas, pois elas obviamente não são o que as pessoas do clichê querem dizer quando elas dizem que a Bíblia não é um livro-texto.

A segunda definição de “livro-texto” nos traz para mais perto de nosso alvo, e será reproduzida aqui na íntegra:

2. Um livro usado como uma obra padrão para o estudo de um assunto particular, usualmente escrito especialmente para esse propósito; um manual de instrução em qualquer ciência ou ramo de estudo, especialmente uma obra reconhecida como uma autoridade.

Ao negar que a Bíblia é um livro-texto, as pessoas do clichê estão afirmando que a Bíblia não é uma obra padrão para o estudo desse assunto (seja qual for o assunto ao qual eles estejam se referindo), que ela não é um manual de instrução naquele assunto, e que ela não é uma autoridade naquele assunto. Isso é o que o clichê do livro-texto significa.

Agora, alguém pode objetar que algumas pessoas que usam o clichê não querem dizer essas coisas de forma alguma; elas simplesmente querem dizer que a Bíblia não é *exclusivamente* sobre um determinado assunto, que ela não foi escrita, nas palavras do *O. E. D.*, “especialmente para o estudo de um assunto particular”. Talvez haja algumas pessoas do clichê que queiram dizer isso, mas eu nunca ouvi ou li nada delas. Isso significado é óbvio — muito óbvio. Todos sabem que a Bíblia não é exclusivamente sobre política ou economia ou biologia. Esse não é o ponto em questão. Usar o clichê com esse significado não tem sentido, pois ninguém jamais pensou em declarar que a Bíblia é exclusivamente sobre alguma disciplina singular. Não, o clichê é usado pelos cristãos professos contra aqueles cristãos que desejam sustentar a autoridade da Escritura em toda área de pensamento e vida. *Ele é usado precisamente para o propósito de negar a autoridade da Escritura, e aqueles que o usam sabem perfeitamente o que eles estão fazendo.* Eles estão dizendo que a Bíblia pode ser ignorada com segurança, sempre que uma pessoa se move da piedade pessoal para as disciplinas

acadêmicas. A Bíblia, eles dizem, é como um guia devocional; ela contém pequenas histórias legais sobre pessoas boas, mas ninguém com qualquer bom sendo olhará para um devocional procurando respostas difíceis para questões importantes. Fazendo uma distinção anti-escriturística entre coração e cabeça, eles tornam a Bíblia um livro para o coração, mas não para a cabeça.

O clichê — assim entendido como uma negação da autoridade bíblica — é mais irônico, pois quando alguém lê a terceira definição oferecida pelo *O. E. D.*, ele aprende que um “livro-texto” é um livro contendo uma seleção de textos escriturísticos, arranjados para o uso diário ou para fácil referência”. Rastreamento todas as ocorrências do *O. E. D.* para “texto” e “livro-texto”, alguém torna-se consciente do fato que as palavras originalmente se referiam à Escritura: O *textus* era a Bíblia. A Bíblia era o texto, e um dos mais antigos — se não o mais antigo — livros-texto. Ler as ocorrências do *O. E. D.* mostra vividamente quão longe os cristãos professos têm se apartado da fé quando eles negam que a Bíblia é um livro-texto.

O que isso significa para nós hoje? A resposta é totalmente simples: se haveremos de “destruir argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levar cativo todo entendimento à obediência de Cristo” (2 Coríntios 10:4, 5), a Bíblia deve uma vez mais se tornar nosso livro-texto para toda disciplina. Nenhum outro livro o fará, pois para qual outro livro iremos? A Bíblia tem as palavras de vida. Deus tornou a sabedoria desse mundo em loucura.

A própria Bíblia reivindica ser um livro texto: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16,17). Note que a Bíblia reivindica ser *suficiente*: pelo estudo de toda a Escritura, o homem de Deus pode ser *perfeitamente* equipado para toda boa obra. Ele não é parcialmente equipado para toda boa obra e necessita de outros livros-texto, nem ele é perfeitamente equipado para algumas boas obras. A Escritura é perfeitamente suficiente para equipar alguém para toda boa obra, incluindo a boa obra de política, economia, biologia e filosofia.

Além do mais, a Escritura reivindica ser *necessária*, pois em Cristo estão ocultos “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”. Note o *todos*. A Escritura não reivindica que precisamos ser suplementados por outros livros: *Todos* os tesouros da sabedoria e do conhecimento pertencem a Cristo, e Cristo nos revelou algo deles na Escritura para a nossa edificação, para nossa educação. Entre os quatro itens que Paulo lista em 2 Timóteo 3:16, 17 — ensino, repreensão, correção e treinamento — ensino é o que aparece primeiro. As Escrituras são primariamente um livro-texto. Através do ensino da Escritura aos seus alunos, um professor pode refutá-los em erros de pensamento e comportamento, corrigir crenças errôneas e falsas, e treiná-los em toda boa obra.

2 Timóteo 3:16, 17 são apenas dois das centenas de versículos na Bíblia que nos ordenam a ensinar a Bíblia aos outros, aos nossos filhos, e a nós mesmos. Em Levítico 10:11, o Senhor instruiu Aarão a “ensinar aos israelitas todos os decretos que o Senhor lhes tinha dado através de Moisés”. E, certamente, há Mateus 28:20: “... ensinando-as a obedecer todas as coisas que eu vos tenho ordenado”.

A Bíblia mui definitivamente se considera como um livro-texto. Temos qualquer direito de fazer o contrário? Não deveríamos prestar atenção ao que Paulo dá a Timóteo quase imediatamente após ele ter declarado a autoridade de toda a Escritura? “Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (2 Timóteo 4:3, 4).

A Bíblia é um livro-texto — ou, antes, a Bíblia é *o* livro-texto. Que todos os outros livros se conformem a ela. E que nós, como cristãos, rejeitemos o sofisma daqueles que desvalorizam as Escrituras, tornando-a inadequada para todas as necessidades intelectuais.

**Tradução:** Felipe Sabino de Araújo Neto  
[felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)  
Cuiabá-MT, 25 de Setembro de 2005